

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DAS SÁTIRAS DE HORÁCIO

Enzo Del Carratore

INTRODUÇÃO

Este ligeiro ensaio sôbre a obra satírica de Horácio é o fruto de observações surgidas da leitura daqueles versos e de algumas apreciações que dêles têm sido feitas. E justamente por serem simples observações têm de conservar êste caráter; portanto, não se pretende aqui formular um julgamento que possa parecer definitivo e absoluto, mesmo porque centenas de autores já formularam o seu; quero apenas acrescentar ao enorme acervo já existente a contribuição de um leitor comum e cuidadoso que, após anos de leitura, resolveu meditar sôbre o que leu e lançar ao papel o que aqui vai.

Todo homem, em contacto com uma obra, experimenta determinada impressão que provoca uma reação: favorável, desfavorável que seja, pouco importa, contanto que ela exista, porque sômente desta forma é que a obra atinge a nossa sensibilidade e afasta a indiferença prejudicial. E' que a obra de real valor contém uma mensagem, um valor humano permanente, que a faz elevar-se à categoria de obra de arte, que a faz atravesar os tempos, que a coloca no domínio do universal.

O que devemos assinalar de antemão é algo que constitui um êrro bastante difundido e que não pode absolutamente permanecer: é o êrro de perspectiva, é uma falsa posição perante a Antigüidade, posição, esta, pela qual muitos pretendem trazer os Antigos até nós, analisando e julgando suas obras à luz da mentalidade hodierna, quando, na verdade, o caminho é inverso: nós é que devemos transpor o tempo, aproximar-nos o mais possível da mentalidade dos antigos, procurando penetrar-lhes o espírito, e então sim, poderemos analisá-los e julgá-los. Se isto não se fizer, grande parte dos clássicos imortais será fa-

dada a não nos sugerir nada, a não ser, talvez, uma sensação de algo estranho, fora de nós, curioso por vêzes, vêzes outras pueril, quando muito “interessante”.

Sei que compreender a Antigüidade é difícil, impossível quase, mas indispensável. Tanto mais indispensável com relação às **Sátiras** de Horácio, porquanto elas representaram na época mais ou menos aquilo que representam hoje as nossas Crônicas: são, muitas vêzes, o relato, a descrição de pessoas, de lugares, de acontecimentos ocorridos há dois mil anos, distantes de nós, mas atualíssimos na época. São o retrato (em parte exagerado, porque a sátira, visando aos extremos, é exagêro, é hipérbole) de uma sociedade, da sociedade em que o poeta viveu, e da qual deixou um depoimento realista, vivo, irrecusável, que nos faz pensar numa série de coisas. São ainda mais do que isto: o grito de revolta de um homem diante de uma sociedade moralmente decadente; a crítica aos vícios; a sátira dos costumes; o credo filosófico-moral de um homem fundamentalmente sincero e honesto; um ideal de vida.

Procuremos compreender êste complexo que é a realidade Roma (se possível o binômio Grécia-Roma), fazendo abstração de tudo quanto nos cerca, e teremos dado um enorme passo adiante em busca da compreensão da Antigüidade e, o que é mais importante, do seu valor.

A DENOMINAÇÃO

Sermones é o nome que a maioria dos manuscritos conserva para esta coleânea de dezoito composições em hexâmetros, que poderia chamar, não sem muitas reservas, Crônicas Romanas: são pequenos contos, anedotas, confidências, cartas, diálogos, repletos de referências a pessoas e a acontecimentos da época, cujo sentido às vêzes nos escapa; esta miscelânea de assuntos é, aliás, ao lado da **uarietas carminum**, variedade de metros, um dos aspectos que caracterizavam a antiga **satura** latina, à maneira de Ênio e de Pacúvio.

De qualquer maneira, a palavra **Sermones** — Conversas — apresenta duas facêtas bastante distintas.

De um lado, o leitor se forma a idéia de um conjunto de poemas que traduzam pacatez, bonomia, despreocupação, simplicidade em seus versos; imagina-se, talvez, o poeta no meio de uma roda de amigos, a conversar sôbre assuntos de atualidade. Seriam realmente isto suas “Conversas”? São isto também: a composição denota desembaraço; a expressão é fluente e singela; o pensamento espraia-se, inteiramente à vontade, através de vários assuntos, saltando àgilmente de um a outro, fazendo digressões, voltando ao tema inicial. Ninguém pode negar que Horácio quer conversar com seus leitores, e o consegue brilhantemente, como adiante veremos.

Por outro lado, não devemos esquecer, ou perder de vista, a verdadeira face da obra: sôbre um fundo de conversa, aparentemente inocente e desprestenciosa, o espírito é satírico, mordaz, agressivo em muitos casos, irônico e zombeteiro sempre. Isto parece explicar porque *genus hoc scribendi*, ao evidenciar mais claramente o aspecto crítico, satírico da obra, tenha feito com que se lhe desse comumente o nome de **Sátiras**, que não foi estranho ao próprio Horácio em duas oportunidades:

**Sunt quibus in satura uidear nimis acer... e
quid prius inlustrem saturis musaque pedestri? (1)**

ORIGEM E EVOLUÇÃO

Não pretendo demorar-me no estudo das origens da sátira latina: muitos tratados já têm sido elaborados a respeito, e de muitas controvérsias têm sido objeto as palavras de Quintiliano “*Satyra quidem tota nostra est*” (2). Entretanto, vale a pena esboçar um quadro, tanto quanto possível sucinto, do problema, e lembrar, em abôno daquela afirmação, que na Grécia as composições de cunho satírico apresentam uma diferença nítida com relação à sátira latina.

(1). — Horácio — *Sátiras*, II, 1, 1 e II, 6, 17.

(2). — Quintiliano — *De Institutione Oratoria*, X, 1, 93.

Encontramos, é verdade, a poseia cheia de escárnio, de sarcasmo, de ataque, de Arquíloco e de Hiponacte, os *σίλλοι* de Timão, de tom paródico, ou a violenta sátira social de Aristófanes; mas quando Horácio afirma que Lucílio está inteiramente ligado aos comediógrafos Éupolis, Cratino e ao próprio Aristófanes (3), é preciso fazer uma restrição a esta afirmação bastante categórica. Não devemos acreditar que o poeta campano dêles herdou motivos e formas, mas a êles se liga pelo espírito renovador, de crítica social, que nasce do contraste entre altos ideais e a mesquinha realidade cotidiana (4).

Lucílio teve um ideal de vida, e constatando a enorme distância que havia entre êste ideal e a vida da sociedade da época, sentiu-se no dever de fustigar o mal onde quer que êle se encontrasse, e, na sua posição de nobre, rico e amigo de poderosos,

primores populi arripuit populumque tributim (5).

Vê-se, portanto, aquilo que de nôvo Lucílio trouxe à sátira latina, e que faltava à poesia satírica grega: o elemento didascálico-moralizante, que passará a caracterizar aquela, que por fim encontrará em Horácio e em Juvenal seus expoentes máximos.

E' interessante notar agora que, no campo da filosofia moral, a mesma característica — a preocupação didático-moralizante — pode ser encontrada na diatribe cínica ou cínico-estóica, que teve em Bión de Boristene, em Menipo de Gadara, em Calímaco e, principalmente, em Fênix de Colofão, que mais parece aproximar-se da sátira latina, seus principais representantes. E veremos adiante que Horácio segue os processos dialéticos das *διατριβαί* em grande parte da sua obra.

Entretanto, se quisermos desde já assinalar uma diferença entre a diatribe cínico-estóica e a sátira luciliana e, conseqüentemente, horaciana, poderemos dizer que esta última não se prende exclusivamente ao ceticismo e ao negativismo filo-

(3). — Sát., I, 4, 1 e segs.

(4). — Vid. Lenchantin de Gubernatis, in *Enciclopedia Italiana*, s. u. Lucílio.

(5). — Sát., II, 1, 69.

sófico que caracterizavam a argumentação dos cínicos e, posteriormente, dos estoicos; pelo contrário, ela não se liga particularmente a nenhum sistema, mas restringe seu campo de ação à observação de pessoas e fatos da vida do tempo, procurando nêles o que possa ser atacado, criticado, corrigido, à luz tão sòmente do bom senso, daquele bom senso itálico e romano que permanecerá, ao lado do elemento moralizante, a segunda nota característica de tòda a sátira latina posterior a Lucílio.

Há, evidentemente, pontos de contacto entre as duas criações: estas semelhanças, interessantes sem dúvida e bastante sugestivas, não podem ser esquecidas, e deram origem a trabalhos como de Richard Heinze — **De Horatio Bionis imitatore**, Bonn, 1889.

Quanto ao conteúdo, um dos principais pontos de contacto, que já mencionei, é a preocupação didático-moralizante que encontramos tanto na diatribe bionéia como na sátira luciliana e horaciana.

Esta preocupação nasceu nos filósofos gregos do desejo de divulgar suas idéias, principalmente de conteúdo moral, entre um sempre maior número de pessoas, procurando arrebanhar novos adeptos para as respectivas escolas. Sabemos que na Antigüidade vários filósofos antes de Bion praticaram métodos semelhantes ao dêle; citarei o próprio Sócrates, que frequentemente dialogava com o povo, do povo usando os meios de expressão; os cínicos e os estoicos. Bion deu forma e carácter literário àquilo que já existia anteriormente.

Se quisermos agora resumir o que foi dito acêrca da diatribe à maneira de Bion, será suficiente, embora um tanto simplista, a definição de que ela representa a tratção, em forma popularesca, de conceitos filosóficos de conteúdo ético, moral.

O aspecto formal da diatribe dificilmente pode ser analisado separadamente do seu conteúdo, se com aspecto formal entendermos os processos empregados para o tratamento do tema, e que vêm a constituir o “motivo” característico de cada autor e, em definitivo, a sua arte. Por isso deixarei de fazer

esta análise aqui, transferindo-a para quando examinar os elementos da arte horaciana.

Apenas poucas palavras acêrca da métrica da sátira: o que se nota na sua evolução é uma progressiva redução daquela variedade de ritmos que caracterizava a antiga *satura*. Esta redução se completou com Lucílio, que, por mais esta razão, pode ser considerado o criador da sátira latina. De fato, os primeiros livros da obra de Lucílio apresentam de preferência composições em trímetros jâmbicos e em tetrâmetros trocaicos, continuando talvez a orientação de Ênio e de Pacúvio; posteriormente o hexâmetro, que com sua dutilidade e cadência melhor servia como meio de expressão de argumentos tipicamente populares numa linguagem simples e despretensiosa, o atraiu definitivamente. Assim o hexâmetro passou a ser o metro característico da sátira em Roma, tendo sido empregado, depois do criador do gênero, por Horácio, Juvenal e Pérsio.

Na evolução da sátira latina, que forçosamente terei de restringir a dois têrmos apenas — Lucílio e Horácio —, devemos notar uma coisa, do ponto de vista artístico.

Está fora de dúvida que Horácio reconhecia em Lucílio o criador do gênero

**...cum est Lucilius ausus
primus in hunc operis componere carmina morem (6),**

e que se considerava *inuentore minor*, declarando

**...neque ego illi detrahere ausim
haerentem capiti cum multa laude coronam (7).**

Entretanto, êste fato não o impedirá de criticar a obra de seu antecessor, principalmente nas sátiras 4 e 10 do livro I.

Quais são essas críticas? Lucílio era prolixo, *garrulus*, e a abundância revertia fatalmente em detrimento da qualidade: “Era capaz — escreve Horácio — de ditar duzentos versos por hora num pé só, como se fôsse uma proeza... Por iso, o leitor

(6). — *Ibid.*, II, 1, 62-63.

(7). — *Ibid.*, I, 10, 48-49.

gostaria que boa parte da sua obra fôsse suprimida” (8). E na sátira 10 vêm estas mesmas críticas repetidas.

Ora, sabemos que em Horácio o ideal da perfeição artística, perfeição a que certamente não eram estranhas as experiências dos **poetae noui**, atingiu um dos degraus mais elevados em tôda a história da poesia latina. Questão de gostos, passadeira, sem dúvida, pois a necessidade **scribendi recte**, de escrever bem, jamais foi tão sentida em Roma quanto no I século a. C., a partir justamente dos poetas novos, cuja arte possui um sentido muito mais profundo do que comumente se acredita, e à base de cuja obra devemos descobrir fatores de espiritualidade, e não tão somente de técnica, de formalismo (9).

Mas, voltando ao assunto, e é o próprio Horácio quem fala, se Lucílio tivesse nascido no nosso tempo (de Horácio, naturalmente), teria que cuidar mais da perfeita expressão e cortar tudo quanto dela ultrapassasse, num constante trabalho de refacção e de autovigilância (10).

Até aqui parece que Horácio se limitou a criticar as imperfeições de seu antecessor e, ainda que tenha tido boas razões para fazê-lo, o respeito e a admiração que sentia para com o **senex** Lucílio te-lo-iam obrigado não somente a apontar essas razões, mas também a fornecer aos leitores aquilo que para êle constituía o ideal da sátira e o ideal da perfeição artística. E’ o que o poeta faz; julgo oportuno repetir textualmente seus conselhos, porque é a partir dêles que o leitor poderá notar uma certa diferença, até mesmo uma mudança de orientação, entre o primeiro e o segundo livro de que se compõe a obra:

**Ergo non satis est risu diducere rictum
auditoris; et est quaedam tamen hic quoque uirtus.
Est breuitate opus, ut currat sententia neu se
impediat uerbis lassas onerantibus aures,
et sermone opus est modo tristí, saepe iocoso,**

(8). — *Ibid.*, I, 4, 9 e segs.

(9). — Cfr. Marmorale, Enzo V. — *Storia della Letteratura Latina*, 10a. edição, Napoli, Loffredo Ed., (1958), p. 94 e segs.

(10). — *Sát.*, I, 10, 68 e segs.

**defendente uicem modo rhetoris atque poetae,
interdum urbani, parcentis uiribus atque
extenuantis eas consulto. Ridiculum acri
fortius et melius magnas plerumque secat res (11).**

E aqui temos perfeitamente delineado, definitivamente estabelecido, o ideal da sátira, e o ponto final da evolução por que ela passou na sua história. E nós teremos oportunidade de verificar-lhe os caracteres no rápido esboço que adiante farei da obra de Horácio.

HORACIO: O HOMEM E O ARTISTA

Não pretendo apresentar aqui os dados biográficos de Horácio: não seria êste o lugar, e pouca importância teriam; apenas quero assinalar os traços marcantes da sua existência que terão influência na sua obra.

Tem sido repetido freqüentemente que a vida (e entendemos como vida todo um conjunto complexo de dados de várias naturezas, assim como os gostos, as tendências, as aspirações, o caráter, além dos dados puramente biográficos) de Horácio é perfeitamente conhecida, não somente através daquilo que outros autores dêle nos deixaram escrito, mas também, e principalmente, através da sua própria obra.

“Lucílio — é Horácio que escreve — costumava confiar seus segredos aos livros como a companheiros fiéis, sem procurar outro recurso tanto na adversidade como na prosperidade; e assim tôda a vida dêste velho ali se manifesta, tão clara como se estivesse gravada numa tabuleta votiva” (12), ou, como diríamos hoje, como se estivesse escrita num livro aberto. Pois bem, estas mesmas palavras podem ser aplicadas ao próprio Horácio: a sua obra, as **Sátiras** e as **Epístolas** particularmente, é também um livro aberto, onde o leitor não encontra segredos, onde pode acompanhar o poeta passo a passo, compreender-lhe a índole, entrar em íntima comunhão com êle, percorrer com êle tôda

(11). — *Ibid.*, I, 10, 7-15.

(12). — *Ibid.*, II, 1, 30-34.

uma gama de sentimentos, da ira à tristeza, à dor, à alegria; onde, enfim, o leitor vive.

Queremos reconstituir-lhe a vida? Será fácil. Quero antes advertir que muitos dos dados aqui apresentados podem ser encontrados, **mutatis mutandis**, em dois artigos em que Funaioli tratou o assunto com rara felicidade (13).

Originário de Venosa, **Lucanus an Apulus anceps**, como dirá êle próprio, Horácio transcorreu os anos de sua infância no campo, ao ar livre, num ambiente que êle recordará sempre com nostalgia e onde se refugiará sempre que possível. Basta lembrar as palavras.

O rus, quando ego te aspiciam... (14),

para podermos compreender a angústia do poeta no meio do tumulto da grande cidade e o afã de libertação daquilo que para êle constituia um verdadeiro suplício, e que numa sugestiva evocação focaliza na mesma sátira; basta lembrar seu **Hoc erat in uotis** (15), êste grito repleto de verdadeiro lirismo, esta prece de agradecimento ao amigo e protetor Mecenas e aos deuses, para verificar seu contentamento por ter recebido de presente o lugar idal de sua vida, a **uilla** na Sabina.

Se, por um lado, Horácio herdou de sua terra natal o amor à natureza, a liberdade da vida campestre, por outro lado herdou também a franqueza, a sinceridade, rude por vêzes, mas sempre benévola e compreensiva, da gente do campo; tôda a sua obra satírica está impregnada dêste espírito franco, amenizado por um fino senso de humor, com que êle trata adversários e amigos; ali podemos redescobrir, temperada pela bonomia e pela humana compreensão do poeta, tôda a mordacidade dos Fescenininos e das Atelanas, as primitivas formas de sátira empregadas pela gente da terra: é o **italum acetum** que ali se manifesta, elevado às alturas da Arte.

(13). — Cfr. de Funaioli, Gino: "Orazio" (pp. 1-18) e "Orazio uomo e poeta" (pp. 19-45), in *Studi di Letteratura Antica*, vol. II, tomo 2. Bologna, Zanichelli Ed., 1949.

(14). — *Sát.*, II, 6, 60.

(15). — *Ibid.*, II, 6, 1.

Horácio não podia ostentar a nobreza de seus antepassados, porque era filho de um liberto — **libertino patre natum** —, que exercia a profissão de **coactor**, de cobrador em leilões públicos; podia ostentar, porém, a nobreza de seu caráter, e foi justamente por êste motivo que foi escolhido por Mecenas para fazer parte do grupo de seus amigos. Pois bem, esta nobreza de caráter Horácio a adquiriu por intermédio do pai: longos trechos das suas sátiras autobiográficas contêm os mais sinceros elogios e exprimem a mais profunda gratidão do poeta para com o velho liberto que, não contente com a educação que podia ser ministrada ao filho em Venosa,

puerum est ausus Romam portare docendum (16),

e lá em Roma proporcionou-lhe a mesma educação que constituía o apanágio dos filhos de cavaleiros e de senadores.

Foi ainda o pai, esta figura que se vai delineando aos poucos, colocada numa luz de simpatia e cercada por uma auréola quase sagrada, que supervisionou e completou a formação do futuro artista através de conselhos que podem ser resumidos em poucas palavras, e que passarão a nortear tôda a conduta de Horácio:

**...insuevit pater optimus hoc me,
ut fugerem exemplis uitiorum quaeque notando** (17);

observar a realidade, reconhecer o mal e fugir dêle à procura do bem, num esforço constante de autodomínio — **neque enim desum mihi** —, de profunda reflexão e, principalmente, de compreensão humana, de serena, mas não menos severa, indulgência para com os defeitos alheios.

Foi assim que Horácio aprendeu a ver o mundo, não um mundo de utopia, mas um mundo real, em que êle próprio vivia, e onde se colocou numa posição que reflete a sua extrema sabedoria: sua **aurea mediocritas** não é senão a posição do sábio que procura evitar os excessos de várias naturezas,

(16). — *Ibid.*, I, 6, 76.

(17). — *Ibid.*, I, 4, 105-106.

que sabe impor um freio às suas paixões, que sabe, conhecendo os homens, dominar o mundo, que é capaz de rir, porque

ridiculum acri

fortius et melius magnas plerumque secat res,

dos defeitos seus e dos alheios, e que, pela aguda observação, procura corrigi-los. **Aurea mediocritas** é ideal de vida, é a própria vida.

E quando se poderia esperar de uma pessoa, que conseguiu a amizade dos poderosos, pelo menos o silêncio a respeito da sua origem humilde, quando não um velado sentimento de vergonha, aparece em Horácio exatamente o oposto: sua origem lhe é motivo de orgulho, faz questão de proclamar-se **libertino patre natum**, e grita bem alto

Nil me paeniteat patris huius (18),

concluindo por afirmar que, ainda que lhe fôsse concedido o dom de poder escolher outros pais, sentir-se-ia contente e honrado com os seus (19). São as palavras de um respeitoso filho, de um verdadeiro homem.

Aos vinte anos viajou para Atenas, e esta viagem deixou um marco indelével tanto na vida como na obra de Horácio.

Na vida, porquanto durante a sua estada na Grécia, aliando-se a Bruto e combatendo no exército republicano derrotado em Filipos, teve seus bens na Itália confiscados, obrigando-o a procurar-se um emprêgo na administração para viver. Além disso, durante êsse tempo, morreu-lhe o maior amigo: o pai; sua morte abriu uma ferida dolorosa em seu coração; por outro lado, sua memória estimulou o poeta, amparou-o e deu-lhe forças para cumprir seu ideal, para pôr em prática os conselhos e os ensinamentos recebidos.

Na obra também a viagem à Grécia teve grande influência: de suas primeiras produções literárias não temos notícias, a não ser a de que, como êle próprio confessa, começou compondo

(18). — *Ibid.*, I, 6, 89.

(19). — *Ibid.*, I, 6, 93 e segs.

Graecos uersiculos, uns versinhos em grego. Não resta dúvida de que sua formação intelectual saiu avantajada do contacto com o mundo helênico, onde Horácio certamente completou sua bagagem filosófica, provàvelmente já influenciada pelo Epicurismo.

Não seria o caso aqui de fazer uma análise minuciosa da obra horaciana à procura de elementos que permitissem classificá-lo em uma ou outra escola filosófica. Tem-se falado muito sôbre a sua filiação ao epicurismo e, conseqüentemente, de seus ataques contra o estoicismo, consubstanciados com maior evidência nas sátiras 3 do livro I, 3 e 7 do livro II, entre outras. Tudo isto é, até certo ponto, correto; entretanto, será que devemos aceitar ao pé da letra, como definição sincera de uma diretriz filosófica, versos como êstes:

**...namque deos didici securum agere aeuom,
nec, siquid miri faciat natura, deos id
tristes ex alto caeli demittere tecto (20),**

que parecem ser a exposição da teoria da imperturbabilidade dos deuses, ensinada por Epicuro e divulgada em Roma por Lucrécio?

Parece-me que não: após uma análise da sátira, diria que aquelas palavras representam apenas a continuação do tom jocoso e de sutil ironia que pervadem a peça tôda, e não querem ser senão a imitação, em tom de paródia, de dois trechos da obra de Lucrécio (21); qualquer reminiscência de tratamento filosófica me parece inteiramente deslocada nesta sátira, tôda ela feita de bonário humorismo e de um descritivismo deliciosamente evocativo.

Então, era Horácio filósofo ou não? Não diria, se se considerar como filósofo a pessoa que necessita de um sistema, caracterizado por uma rigorosa unidade intelectual e especulativa, e através da qual ela possa chegar à compreensão de um princípio explicador do universo. Horácio não teve êsse sis-

(20). — *Ibid.*, I, 5, 101-103.

(21). — *Cfr. De Rerum Natura*, V, 82 e VI, 58.

tema; teve, isto sim, um sistema de vida todo seu, compatível com sua índole e com a educação recebida, e livre de compromissos, com aquela autonomia de pensamento e de criação que é concedida ao verdadeiro poeta. Agora, se foi êle coerente ou não com seu sistema de vida, é outra coisa muito diferente, como se pode constatar pela sátira 7 do livro II que, sendo uma auto-análise, se representa uma situação real, não é certamente muito abonadora em favor de uma conduta irrepreensível do poeta.

Regressando Horácio a Roma, começou a escrever, e seu talento poético lhe valeu, da parte de Virgílio e de Vário, a apresentação a Mecenas, a influente personagem que representou um papel decisivo na vida do poeta. O primeiro encontro entre os dois é descrito com admirável singeleza por Horácio (22), e a acolhida que teve não foi certamente muito cordial:

**...respondes, ut tuus est mos,
pauca;**

mas quando, nove meses depois, a amizade se consolidou, os dois passaram a ser amigos inseparáveis: sempre que possível passeavam juntos, conversando sôbre os assuntos mais banais, espicaçando a curiosidade e provocando a inveja popular (23). Não faltavam intrigantes que procuravam fazer de Horácio o instrumento para chegar ao todo-poderoso Mecenas; mas a amizade do poeta sempre se manteve alheia e esquivada a essas intrigas, provocando nêle palavras de sincera indignação, cujo exemplo mais significativo nos é fornecido pela sátira 9 do I livro, também conhecida pelo título, um tanto impróprio, de "O importuno".

Finalmente, a grande amizade foi coroada pela doação a Horácio, da parte de Mecenas, de um pequeno sítio na Sabina, que passará a constituir o diminuto reino onde o poeta encontra o refúgio desejado, longe das preocupações da cidade grande, onde o poeta pode dedicar-se de corpo e alma às atividades

(22). — Sát., I, 6, 54 e segs.

(23). — *Ibid.*, II, 6, 40 e segs.

literárias, e onde se deu a elaboração paciente da maior parte da obra de Horácio, incluindo todo o II livro das *Sátiras*.

Podemos muito bem avaliar quanto Horácio amou sua pequena propriedade, se pensarmos que sua índole pouco expansiva, seu espírito meditativo, inclinado à reflexão, levaram-no sempre a fugir o convívio tumultuoso dos amigos na cidade e a buscar a paz do campo, a ponto de êle ter recusado certa vez o cargo altamente honorífico de secretário particular do imperador.

Semelhante atitude parece-nos desconcertante, mas na realidade não representa senão coerência com seus próprios princípios. dos quais um dos mais sagrados era o da liberdade. Horácio não procurou ninguém, foi procurado pelos seus próprios méritos (24); jamais bajulou ninguém, não o fará agora, nem mesmo no ambiente da côrte; jamais gostou da ostentação, porque seu ideal é a vida simples, despreocupada.

Vale a pena aqui lembrar a descrição de um dia transcorrido na cidade, mas um dia de independência, de liberdade, de sossêgo, um dia ideal: “Para onde tiver vontade de ir, lá vou eu sòzinho; vou indagando a quanto está o preço dos legumes e do trigo; passeio muitas vêzes pelo Circo, cheio de vigaristas e, à tarde, pelo Foro; paro a ouvir os adivinhos; depois volto para a minha casa, onde me espera uma bela travessa cheia de alho-porro, de grãos-de-bico e de bolinhos; três escravos servem êste jantar; sôbre a mesinha de mármore, dois copos, uma taça, uma bacia, um frasco, tôda louça ordinária. Depois vou dormir despreocupado, sem pensar no dia seguinte, e fico deitado até lá pelas dez horas. Levanta-me, ando por aí, leio ou escrevo, divirto-me no Campo de Marte, tomo um banho, e depois de uma ligeira refeição, folgo o resto do dia.” (25).

Ou preferimos recordar um alegre jantar no sítio, em companhia dos vizinhos, as agradáveis conversas que acompanham a refeição, e as deliciosas fábulas narradas por um

(24). — *Ibid.*, I, 6.

(25). — *Ibid.*, I, 6, 111-128.

dêstes vizinhos, como a do rato da cidade e o rato do campo (26)?

Pois bem, a partir daí, nenhum fato notável virá enriquecer a biografia de Horácio: êle morrerá poucos meses depois do grande amigo e benfeitor, Mecenas, e será sepultado a seu lado: a amizade que os uniu em vida continuará na morte.

CARACTERES DA SATIRA

Evidentemente, alguns caracteres da sátira horaciana já foram examinados, de forma um tanto caótica, é verdade, e ligeira; restará agora completar a visão esboçada, resumí-la e documentá-la com exemplos, como tenho feito até aqui.

Ao mesmo tempo que procurarei analisar os caracteres da sátira horaciana, examinar-lhe-ei os processos artísticos, na medida em que êles tocam, mais ou menos direta e exclusivamente, a êste gênero literário.

Já escrevi algo a respeito do caráter didático-moralizante da sátira, não somente horaciana, mas latina em geral, e o apontei como o elemento distintivo do gênero entre Roma e o mundo grego. E' realmente importante êste aspecto, para não deixar alguma dúvida a respeito do fato: se o espírito satírico é universal, se existiu sempre e em tôda a parte, por outro lado a sátira, como gênero literário com características e finalidades bem definidas, é romana.

Desta forma, vamos encontrar na literatura latina um Lucílio que, apesar de todos os defeitos da sua obra, decorrentes quer da sua formação intelectual e da sua natureza, quer do gosto do público da época, pouco exigente quanto à elegância da linguagem, deu, com tôda a naturalidade, uma diretriz definida à sátira. Vamos encontrar mais tarde, seguindo essa mesma diretriz, aperfeiçoando embora a técnica da expressão, Horácio. Êste, por ter vivido numa época de transição (transição entre duas formas opostas de regime, a República, e o Império; e todos nós bem sabemos quão perigosas são estas

fases), por ter atravessado uma época em que a dissolução dos costumes flagelava a sociedade, em que os vícios, as ambições, as violências dominavam, quis — e sua intenção me parece bem sincera — renovar e estimular na sociedade a busca de valores morais outrora existentes e agora esquecidos, até exclamar, a certa altura:

**Hos utinam inter
heroas natum tellus me prima tulisset! (27).**

Portanto, seguindo na obra a mesma linha de conduta pela qual o pai o levava na vida, desde a adolescência, à sua formação espiritual, Horácio pretendia moralizar o ambiente em que vivia. Não teve êxito, nem, creio, excessivas ilusões a respeito: êle sabia que, infelizmente, a vida era assim mesmo, e que de nada adiantariam os versos de um poeta na tentativa de mudar uma situação.

Prova disto me parece ser sua atitude perante a política do tempo: era republicano, e como tal combateu; era de se esperar, pois, que atacasse em suas sátiras o nôvo regime: não o fez, porque sabia que, de um lado, a orientação política não mudaria por causa dos seus ataques, e, de outro lado, na sua admirável sabedoria burguesa, sabia que era melhor acomodar-se a uma situação que transcendia suas forças (27a). Todavia, naquilo em que podia, procurou mostrar aos outros um ideal de vida, procurou ensinar aos outros os caminhos difíceis da virtude, criticando os vícios, personificados e não apresentados como entidades abstratas, fazendo, enfim, de si próprio o modelo e a medida para os demais. Se não venceu, ao menos expressou o que sentia, *et est quaedam tamen hic quoque uirtus...*

Horácio criticou praticamente tudo; a sua obra é como que uma vasta galeria de tipos que personificam todos os de-

(27). — *Ibid.*, II, 2, 92-93.

(27a). — Realmente, apesar da habilidade de Otaviano, posteriormente Augusto, em querer dissimular a feição imperial de seu govêrno (embora diferente da noção que de Império temos habitualmente), êste foi de fato, se não de nome, um regime totalitário, sul generis, é verdade, mas Império.

feitos humanos: há o avarento, o pródigo, o ambicioso, o insatisfeito, o inconstante, o invejoso, o supersticioso, o guloso, o libertino, o adúltero, e o desfile não terminaria aqui; quero apenas acrescentar-lhe dois tipos extremamente curiosos, que na época deviam ser relativamente freqüentes, e que fazem o objeto das sáitras 8 do I livro e 5 do II livro respectivamente: a feiticeira e o caçador de heranças, ambos descritos com uma abundância de cenas e de pormenores, ora macabros, ora jocosos, que fazem de Horácio um artista inimitável.

Não poderia ainda esquecer-me de um tipo profundamente humano, tão bem caracterizado e facilmente encontrável em nossos dias, a quem poderia chamar sem hesitar “o importuno-sabido”, que é o objeto de uma sátira, a 9a. do livro I, que é por muitos considerada como a obra-prima de Horácio em dramaticidade, em vivacidade, em humanidade.

Não devemos crer, entretanto, que este elemento didático-moralizante, isto é, o elemento pelo qual Horácio quer ensinar aos homens os caminhos para uma vida melhor, visando à regeneração dos costumes, faça de sua obra um árido e intolerante tratado de moral, cheio de princípios absolutos, abstratos e intocáveis. Não é isto: é a própria vida que se nos oferece aos olhos, através da visão moderada e serena que Horácio dela teve; a sátira horaciana é escola de vida.

Resta-me agora em poucas palavras tratar daquilo que já anunciei constituir o segundo elemento característico da sátira latina: o bom senso. Gostaria, porém, de restringir ainda mais essa afirmação: diria, com efeito, que o bom senso é característica peculiar da sátira horaciana, que se me afigura de certo modo distante do extremismo intolerante de Lucílio, da rigidez do estoicismo um tanto dogmático de Pérsio, e do amargo rancor e da ferina indignação de Juvenal. Horácio soube temperar a sua poesia com a moderação própria do sábio, com o bom senso da pessoa que conhece profundamente a vida e os homens e que conhece os meios para manter-se afastado deles, zombar deles quando necessário, corrigi-los sempre que possível, prescindindo das abstrações, visando à praticidade, como bom romano que era, e seguindo sempre os inesquecíveis ensi-

namentos paternos. que lhe deram a visão clara e serena da realidade do cotidiano.

Por fim, queria lembrar uma outra característica da sátira latina e horaciana em particular, característica, aliás, bem marcante e inconfundível: o elemento autobiográfico.

Já tive oportunidade de examinar êste aspecto, não somente na obra de Horácio, mas também na de Lucílio, para os quais a sátira representou um meio de divulgação das próprias idéias, cívicas, morais, artísticas, e, em Horácio particularmente, um meio de defesa do poeta perante os ataques dos inimigos ou daquelas pessoas que se sentiam ameaçadas de seus defeitos virem a ser descobertos, criticados e divulgados pela pena, que julgavam impiedosa, do poeta.

Temor justo, de um lado, por que, se é verdade que

**...hic stilus haud petet ultro
quemquam animantem et me ueluti custodiet ensis
uagina tectus... (28),**

é também verdade que a pessoa

**qui me commorit (melius non tangere, clamo),
flebit et insignis tota cantabitur urbe (29).**

“Minha pena jamais será a primeira a atacar alguém, nem o fará sem motivo; defender-me-á como espada dentro da bainha; mas aquêle que mexer comigo — e repito bem alto, é melhor deixar-me em paz — há de chorar de arrependimento, e seu nome ficará marcado para sempre na cidade inteira”: são estas as palavras que melhor definem sua linha de ação perante o próximo, linha de ação pela qual somente os maus devem ter motivo de receio, enquanto

**bene siquis
et uiuat puris manibus (30),**

os que vivem honestamente e de mãos limpas, escudados na sua própria virtude, estarão ao abrigo dos versos do poeta.

(28). — *Ibid.*, II, 1, 39-41.

(29). — *Ibid.*, II, 1, 45-46.

(30). — *Ibid.*, I, 4, 67-68.

Temor até certo ponto injustificado, do outro lado, e por dois motivos: em primeiro lugar, como já mostrei, porque Horácio jamais criticou alguém injusta ou gratuitamente, defendendo-se com uma série de argumentações e de exemplos da acusação que um interlocutor — fictício — maldoso lhe teria dirigido:

**...Laedere gaudes,
inquit, et hoc studio prauos facis (31).**

Em segundo lugar porque os versos de Horácio jamais foram realmente impiedosos, pois Horácio possuía no mais alto grau o dom da compreensão, julgava com indulgência, criticava com serenidade e, apesar dentro do espírito pagão, teve a intuição perfeita do preceito cristão que manda não fazer a outrem aquilo que não se quer que seja feito a nós mesmos.

Para verificar esta afirmação, bastará recordar a profunda humanidade contida em tôda a 3a. sátira do I livro, e particularmente nestes versos:

**...nos debemus, amici
siquod sit uitium, non fastidire (32),**

e, mais adiante,

**Qui ne tuberibus propriis offendat amicum
postulat, ignoscet uerrucis illius; aequum est
peccatis ueniam poscentem reddere rursus (33).**

Entretanto, a nota autobiográfica vai-se atenuando com o passar dos anos, ou melhor, muda de rumo: se nas primeiras produções do poeta tinha caráter polêmico e até certo ponto apologético, quando Horácio procurava colocar em evidência o próprio “eu”, e chamar a atenção de Mecenas para a sua pessoa, no II livro das *Sátiras*, elaborado entre 33 e 30, isto é, quando Horácio alcançou a segurança, a tranqüilidade e o

(31). — *Ibid.*, I, 4, 78-79.

(32). — *Ibid.*, I, 3, 43-44.

(33). — *Ibid.*, I, 3, 73-75.

bem-estar, o elemento autobiográfico, nas poucas vêzes em que aparece, assume o caráter de interiorização, de ensimesmamento, que vai terminar, ainda dentro da linha satírica dos poemas, na autocrítica: como exemplo disto poderia apontar aos leitores aquela espécie de exame de consciência que Horácio faz, em tom confidencial, um tanto burlesco, mas não menos sincero, na sátira 7 do II livro.

A ARTE DE HORACIO

E' necessário aqui fazer uma advertência: não pretendo, neste rápido esboço, entrar no campo da análise estilística das **Sátiras** de Horácio, e isto por um motivo muito simples: muito do que se disser não passará de meras hipóteses, ou como tal poderá parecer; e isto em virtude da extrema instabilidade, insegurança, flexibilidade do próprio material a ser manipulado pelo crítico — a língua. Além do que nós todos sabemos que não existe nenhuma lei, nem mesmo uma tendência geral, que possa definir, ou pelo menos caracterizar, o estilo, e a quem o estudo do estilo de determinado autor possa obedecer. E' por êste motivo que, sem mais delongas, remeto o leitor amante da estilística, e apenas a título de informação, ao excelente ensaio de Marouzeau (34), que aplicou os princípios e métodos da estilística à obra de Horácio, com uma abundante exemplificação, que poderá ser ampliada por quem quiser incumbir-se desta tarefa.

O que eu quero apresentar, em poucas palavras, são alguns dos processos artísticos empregados por Horácio na composição de suas **Sátiras**.

Já tive oportunidade de referir-me aos processos da diatribe cínico-estóica: em que consistiam êles? Pela própria natureza da diatribe, que era uma discussão de cunho eminentemente popular, destinada à divulgação de idéias filosóficas de cunho moralizante no seio das massas, a linguagem empregada deveria ser necessariamente popular, de maior alcance e pene-

(34). — Cfr. Marouzeau, J. M. — *Quelques aspects de la formation du Latin littéraire*. Paris, Klincksieck, 1949, pp. 193-222.

tração do que a linguagem estritamente técnica da filosofia. E não somente a linguagem sofreu êste processo de popularização, mas também os processos dialéticos tinham que ser adaptados às circunstâncias, de tal modo que a diatribe assumiu o caráter de conversa com o ouvinte, ou com o leitor, e, como conversa, adotou-lhe os métodos: humorismo, linguajar não raro rude, vivacidade de expressão. motivos populares, forma dialogada apresentando muitas vezes digressões, interrupções bruscas, exemplos concretos, contrastes inesperados, pura conversa, enfim, em que o pensamento não segue uma linha rigorosamente lógica, mas é obrigado a saltar àgilmente de um assunto a outro, a ziguezaguear até chegar ao fim esperado por caminhos tortos: porque é realmente assim que o povo pensa, que o povo compreende e assimila.

Tôdas essas características apontadas acima vamos encontrá-las nas sátiras de Horácio; é preciso, porém, não cair em erro, pensando que Horácio escreveu sua obra para o povo, porque seria inexato ou incompleto: suas próprias palavras mostram justamente o contrário:

...nam satis est equitem mihi plaudere (35);

mas aquilo que pode parecer à primeira vista uma incongruência, explica-se facilmente pelo próprio temperamento do poeta que, de origem humilde como já vimos, era levado instintivamente ao tratamento de temas populares, através de processos e de técnicas também populares: portanto, há uma íntima comunhão de sentimentos entre o poeta e o povo; mas o poeta não levou em consideração a reação e o juízo do povo na elaboração artística, isto é, tratou-o simplesmente como material para a sua obra e como objetivo a ser visado, sem dar a menor importância ao julgamento que o povo viesse a fazer da sua obra; é, enfim, a atitude de quem se desliga da realidade brutal da vida, por conhecê-la, e se refugia no seu próprio ideal de vida; é como que uma antecipação do

(35). — Sát., I, 10, 76 e segs.

Odi profanum uulgu et arceo (36),

quando a separação entre a sociedade corroída pelos vícios e o poeta enclausurado na sua sabedoria, já se havia inteiramente processado.

Mas, voltando ao assunto, a sátira horaciana, retomando de certa forma os processos dialéticos da diatribe, conserva o clima característico da conversa, e Horácio, profundo conhecedor dos homens e das coisas, utiliza-se hábilmente de todos os recursos que ela lhe oferecia: a forma dialogada é quase que uma constante nas **Sátiras**, muitas das quais, principalmente as do II livro, são pequenas composições dramáticas, a duas ou mais personagens; e mesmo naquelas sátiras em que uma segunda personagem não aparece explicitamente, geralmente encontramos um interlocutor fictício a quem o poeta dirige a palavra, de quem ouve a objeção, refutando-a a seguir: e isto sempre com o objetivo de manter o tom de diálogo e, conseqüentemente, a atenção do leitor prêsa.

Sob êste aspecto Horácio é realmente um artista: êle nos mostra a vida como ela é, mas vista através do ôlho do poeta que tudo vê com sensibilidade, com serenidade, com ironia: o leitor vai assim sendo conduzido através de quadros que se sucedem sem interrupção, como se estivesse sentado diante de uma tela e lhe desfilassem sob os olhos os mais variados tipos, descritos a toques sóbrios e rápidos, sob a ação dos quais vai-se-lhes delineando pouco a pouco o caráter e as atitudes; como se estivesse a ver desfilar uma série de cenas, de lugares, de acontecimentos, que se podem resumir numa só palavra — humanidade.

Vale a pena ainda lembrar o fato de algumas das sátiras apresentarem um final em que a argumentação é truncada bruscamente, de forma jocosa, como se o poeta quisesse lembrar ao leitor que sátira é, no fundo, bom humor, elegância, brincadeira, amenizando desta forma uma verdade em si amarga, e levando-nos, pelo brusco despertar, à meditação posterior. Como exemplos mais típicos do que acabo de citar, poderia

apontar, entre outros, os finais das sátiras 7 do I livro, 3, 5 e 7 do II livro, que revelam mais claramente, parece-me, a adoção dêsse processo.

CONCLUSÃO

A obra de arte, se realmente é tal, existe e persiste por si só, desafiando os tempos e permanecendo válida para sempre; é neste sentido que ela é dinâmica, revivendo através de gerações sucessivas, que nela encontram uma espiritualidade, uma mensagem humana permanente e eterna.

Por outro lado, para chegar-se à mais perfeita compreensão da obra, é indispensável relacioná-la ao artista que a elaborou, à sua índole e aos tempos em que ela foi composta, para que não sejamos induzidos a analisá-la sob uma luz de parcialidade e, conseqüentemente, a apanhar-lhe um sentido errôneo ou, pelo menos, imperfeito.

Tentemos, no nosso caso, julgar conjuntamente o binômio obra-autor, e nós veremos que, prescindindo dos fatores puramente contingenciais — tempo-espaco —, podemos extrair das **Sátiras** de Horácio algo de universal, de permanente: o sentido da vida, as eternas contingências da vida, a própria vida, vista do ângulo da compreensão serena, sem euforia nem pessimismo.

As **Sátiras** de Horácio são, na sua totalidade, o retrato da vida; retrato imutável e sempre igual, dentro da instabilidade e mutabilidade da vida. Nos pormenores, o leitor ficará admirado de reconhecer a si próprio em certas personagens, de recordar situações análogas de que participou, direta ou indiretamente, em determinados episódios, de descobrir, finalmente, que o homem sempre foi e sempre será o mesmo, e encontrará em Horácio uma palavra de conforto e de estímulo, além de uma agradável sensação de harmonia e de serenidade.

Não quero alongar-me mais à procura de possíveis conclusões, mesmo porque o leitor saberá tirar da leitura das **Sátiras** de Horácio suas próprias conclusões, o que será sem dú-

vida mais proveitosa para êle; apenas quero lançar um apêlo: tentemos captar desta obra ao menos uma mensagem, dentre as várias outras que ela nos sugere: a mensagem da compreensão humana, que, tenho certeza, será um inestimável auxílio para a nossa própria espiritualidade.